

FÁBRICA X ESCOLA:
IDENTIDADES E ESPECIFICIDADES DE UMA RELAÇÃO
ALGUMAS REFLEXÕES*

Antônio Berto Machado**

A partir da década de 60, a economia da educação vem se firmando como uma área importante para a compreensão objetiva do fenômeno educativo.

Foi no início dessa década que surgiu a teoria do capital humano, que passou a ser divulgada positivamente e vista como a demonstração do "valor econômico da Educação".

"Embora a educação seja, em certa medida, uma atividade de consumo que oferece satisfação às pessoas no momento em que obtém um tipo de educação, é predominantemente uma atividade de investimento realizado para o fim de aquisição de capacitações futuras ou que incrementa rendimentos futuros da pessoa como um agente produtivo".¹

A partir dessa teoria, a educação passa a ser entendida como um elemento decisivo no desenvolvimento econômico do País. Essa concepção se generaliza e exerce forte influência na tendência tecnicista da educação.

* Este texto é fruto das discussões realizadas no grupo de mestrando da FAE-UFMG (Antônio Berto Machado, Ângela Imaculada L. de Freitas Dalben e Terezinha Maria Cardoso), que sob a orientação da Professora Lucília Regina de Souza Machado, vêm discutindo a Organização do Processo de Trabalho Escolar. Foi apresentado como trabalho conclusivo do Curso de Economia Política, desenvolvido no Mestrado da FAE UFMG, em novembro de 1987.

** Mestrando em Educação na FAE-UFMG e Orientador Educacional nas redes Estadual e Municipal de ensino, em Natal-RN.

Na década de 70, no Brasil, através da teoria crítico-reprodutivista, tenta-se fazer uma crítica da economia da educação. Procurou-se evidenciar que a subordinação da educação ao desenvolvimento econômico, significava colocar o sistema educacional a serviço da classe dominante, reproduzindo a força de trabalho, através da sua qualificação, contribuindo também para o incremento da produção das mais-valia e, conseqüentemente, reforçando as relações de exploração.

Vejamos exemplos dessa postura teórica,

"Assim um projeto de ampliação da educação escolar pode tornar-se inteiramente compatível com um arranjo econômico que torne os ricos mais ricos e que agrave a situação dos pobres".²

"A nova concepção da educação beneficia a empresa privada de duas maneiras. Por um lado ela é liberada da tarefa que anteriormente lhe cabia, de formar, no trabalho, a força de trabalho de que necessitava. Agora o Estado assume essa função e especialmente os gastos que essa tarefa implica. Mas ao mesmo tempo que ela se libera do ônus é beneficiada com uma força de trabalho qualificada e que, através de sua maior produtividade, produz maiores lucros para a empresa".³

Na tentativa de superar os limites da crítica à economia da educação, marcada pelo caráter reprodutivista, Cláudio Salm, num terceiro momento, coloca a escola à "margem" do processo produtivo, estabelecendo um "desvínculo" entre educação e produção no capitalismo.

Segundo Salm,

"Nem a escola é capitalista, nem o capital precisa dela, como existe, para preparar o trabalhador".⁴

Ainda nesse terceiro momento, surge o trabalho de Frigotto - A produtividade da escola improdutiva: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. Esse teórico revisitou a teoria sobre o problema e, na tentativa de superá-lo, assume a seguinte postura: a escola não é produtiva a serviço dos indivíduos indistintamente, no seio de uma sociedade sem antagonismos, como pretendiam os seguidores da teoria do capital humano. Em contrapartida, ela não é produtiva a serviço exclusivo do capital como supunham os críticos reprodutivistas. Como também ela não é simplesmente improdutiva como pretenderam os críticos dos críticos da teoria do capital humano.

"O que postulamos em nossa análise é que, tanto os que buscam um vínculo linear entre educação e estrutura econômico-social capitalista, quanto aqueles que defendem um "desvínculo" total, enviesam a análise pelo fato de nivelarem práticas sociais de natureza distinta e de estabelecerem uma ligação mecânica entre infra-estrutura e superestrutura, e uma separação estanque entre trabalho produtivo e improdutivo".⁵

Como vemos, cada vertente teórica, desde que contextualizada, significou um avanço da economia da educação, em direção à compreensão da relação educação X estrutura econômico-social capitalista. Na discussão já realizada, algumas facetas do problema foram superadas, restando outras tantas a serem investigadas.

Segundo Frigotto,

"Para compreender os vínculos ou desvínculos entre a prática educativa escolar ou não escolar, como o

mundo da produção, do trabalho, implica apreender concretamente a especificidade do modo de produção, onde essa prática se efetiva. Implica, de outra forma, apreender o movimento concreto, as formas que historicamente assume este modo de produção em contexto e épocas diversas".⁶

É nesse contexto que uma outra face do problema começa merecer a atenção dos teóricos educacionais - a organização do processo de trabalho na escola.

Fazendo uma retrospectiva histórica, percebemos que a escola pública, desde sua origem, vem sob o controle da classe dominante, através do seu representante - o Estado. Nesta perspectiva são visíveis as modificações na organização do processo de trabalho na escola, tendo em vista o maior controle de sua função reprodutora dos interesses dominantes.

"Postula-se então que as funções da escola correspondem essencialmente às necessidades do modo capitalista de produção".⁷

"As contradições e condicionantes políticos que levaram a que a divisão do trabalho dentro da escola redundasse no oposto daquilo a que se propunha o discurso oficial, constitui por si só uma área de investigação e reflexão a ser explorada...".⁸

É nessa direção que várias reflexões e trabalhos vêm sendo desenvolvidos, os quais procuram compreender a organização do processo de trabalho na escola e sua articulação com a organização do processo de trabalho fabril. No seio dessas preocupações, emerge uma nova polêmica, a qual diz respeito à relação linear feita por muitos teóricos,

quando na análise da organização do processo do trabalho na fábrica e na escola.

Pressupomos que há muitos pontos de identidade, mas também existem certas especificidades em ambas, que devem ser observadas quando processada a referida análise.

"... a escola, em razão da natureza do seu trabalho, do seu "produto" e da matéria-prima com que trabalha, apresenta uma certa especificidade que inviabiliza o transplante de métodos e modelos e inclusive de conceitos".⁹

Partindo do referido pressuposto, levantamos duas questões: 1) Ao assumir o posicionamento da relação linear, o teórico estaria viesando sua análise? 2) Ao utilizar as categorias de análise, empregadas para analisar a organização do processo de trabalho fabril, na análise da organização do processo de trabalho na escola, o teórico estaria pondo em "camisa de força" essas categorias?

Na tentativa de contribuir na discussão, faremos uma análise sumária de alguns aspectos da organização do trabalho, presentes hoje, na fábrica e na escola de 1º e 2º graus.

a) Quanto à localização na esfera econômica:

A fábrica situa-se ao nível da produção, logo, o trabalho realizado no seu interior é produtivo e gera mais-valia. Enquanto que a escola não gera mais-valia e seu trabalho é considerado improdutivo.

Quanto a essa questão, surge uma enorme celeuma, pois há quem considere o trabalho realizado na escola como

produtivo, desde que seja uma escola privada e organizada sob os princípios capitalistas.

"... diremos que um professor escolar é trabalha
dor produtivo se, além de moldar a cabeça das
crianças, conforma seu próprio trabalho para enri
quecer o patrão".¹⁰

"Do ponto de vista da definição de Marx sobre tra
balho produtivo, o trabalho do servidor público,
não pode ser relacionado a trabalho produtivo".¹¹

Fundamentado no pressuposto teórico acima, os pro
fessores que atuam em escola privada são trabalhadores pro
dutivos, pois "geram" mais-valia e são remunerados pelo capi
tal; enquanto que os professores que atuam em escola públi
ca, por serem servidores públicos, remunerados por renda -
tributos, são considerados trabalhadores improdutivos. Po
rém, para que o trabalho seja considerado produtivo, o mes
mo tem que criar mais-valia. Assim, na esfera da circula
ção nenhum trabalho cria mais-valia.

"... trabalho produtivo é todo tipo de trabalho or
ganizado sob a forma do processo capitalista de
produção ou, mais precisamente, o trabalho emprega
do pelo capital... na fase de produção".¹²

Portanto, a escola situa-se ao nível da circulação,
e assim sendo, nem a escola pública nem a privada geram
mais-valia, pois as mesmas apenas transmitem o saber produ
zido noutras instâncias.

"Quanto à escola, diríamos que ela se preocupa qua
se exclusivamente, com o eixo da transmissão..."¹³

b) Quanto à produção:

A fábrica produz em série, determinando previamente a significação do seu produto, bem como a quantidade e a qualidade do mesmo, além de garantir com precisão a execução do que foi planejado.

Na escola, não há possibilidades para produzir em série, visto que a natureza de sua "matéria-prima" - o aluno, é bem diferente da matéria-prima utilizada no processo de trabalho fabril. Por essa razão, a significação prévia do produto pode ser destruída no decorrer do processo. Com relação à quantidade e à qualidade do "produto", não há possibilidade nenhuma de previsão, visto que não há parâmetros para avaliar a produtividade da escola.

A esse respeito, vejamos a posição de Teixeira,

"Sem entrar na discussão a respeito da propriedade ou impropriedade da utilização de conceitos como "produto", "produtividade", "eficácia", o que se observa é que a especificidade do "produto" da escola e seus objetivos é tal que dificulta o estabelecimento de um padrão de medida para avaliação imediata do êxito ou do seu fracasso. Em outras palavras, torna-se extremamente difícil determinar critérios para avaliar a eficácia de uma organização, quando o produto não é bem especificado. Afinal o que é um aluno bem educado? Quais os padrões que temos para avaliar o comportamento dos indivíduos enquanto unicamente produto da escola?."15

c) Quanto ao trabalhador:

Na fábrica, com o desenvolvimento tecnológico verificado desde o capitalismo mercantilista simples ao capitalismo monopolista avançado (divisão parcelar do trabalho, taylorismo/gerência científica, fordismo, automação e enri

quecimento de cargos), o operário, ao longo desse trajeto, foi se desqualificando, teve suas perícias expropriadas, perdeu a visão da totalidade do processo produtivo, passou a ser controlado pela máquina e encontra-se num nível de subsunção real. 16

Na escola, o avanço tecnológico não se deu na mesma intensidade. Foi introduzida a divisão do trabalho, provocando a separação entre trabalho intelectual (concepção) e o trabalho manual (execução). As relações foram hierarquizadas e o professor está passando por um processo de desqualificação encontrando-se hoje, num nível de subsunção formal.

"A questão do poder no interior da escola, porém, não assume a mesma feição do poder na fábrica. Seria equivocada uma transposição mecânica, pura e simples. O professor não está, como o trabalhador na fábrica, inserido numa linha de montagem. Ele possui uma certa autonomia que lhe permite alguma flexibilidade na administração de um determinado conteúdo".17

d) Quanto ao controle.

Na fábrica o controle é exercido de forma rígida, alicerçado em quatro elementos fundamentais: o controle do espaço, do tempo, a vigilância contínua e o registro constante do conhecimento. O operário é transformado num apêndice da máquina que o controla.

"... o que se observa é que a racionalização do trabalho implementado por ambas indústrias, seja com base no taylorismo, seja no organização do trabalho fordista, objetivam um controle do corpo, uma disciplina extremamente rígida que é imposta tanto às mulheres operárias quanto aos homens operários".18

Na escola o controle é menos rígido, possível de ser transgredido, tanto é que quem determina o seu ritmo de trabalho é o próprio professor.

"...apesar da fragmentação do seu trabalho, o educador, ao contrário do trabalhador fabril, tem uma certa autonomia dentro da sala de aula. Muito embora a administração tente controlar também este espaço, este controle se torna muito difícil".¹⁹

Como vemos, apesar de existirem inúmeros instrumentos de controle, bem como uma camada intermediária (especialistas), destinada a controlar as atividades realizadas na escola, esse controle não é absoluto.

Considerações finais

De acordo com os pontos levantados, percebemos que entre a organização do processo de trabalho na Fábrica e na Escola existem identidades, mas também algumas especificidades.

A Fábrica e a Escola têm o seu processo de trabalho organizado em consonância com os princípios capitalistas. No entanto, as especificidades de ambas conduziram a organização do processo de trabalho a direções diferentes. A Fábrica teve seu processo de trabalho racionalizado, enquanto que o da Escola foi burocratizado. Porém, os dois processos de trabalho contribuem para um mesmo objetivo: reprodução das relações sociais de produção presentes na sociedade capitalista.

Contudo, mesmo sendo o processo de trabalho da Fábrica e da Escola organizados sob a mesma orientação lógica, as especificidades requerem um maior aprofundamento, tendo em vista uma postura teórica mais consistente que possa garantir ou não a generalidade da relação linear.

Ressaltamos que a organização do processo de trabalho na Escola, por ser um elemento fundamental na compreensão das relações sociais de produção, presentes na Escola hoje, se constitui num rico campo de investigações que poderá contribuir enormemente para o avanço na luta pela democratização da Escola pública.

Vale salientar, também, que ao promovermos uma analogia da Fábrica e da Escola, é preciso que tenhamos o cuidado de precisar o nosso objeto de análise, tendo em vista evitar interpretações deturpadas, pois, na sociedade capitalista atual, encontramos inúmeros processos de trabalho, os quais vão desde o processo artesanal ao processo automatizado. E este aspecto pode ser verificado não só com relação ao processo fabril, mas também o escolar.

Portanto, o presente trabalho não tem como objetivo responder às questões levantadas no seu interior, nem tampouco de solver a polêmica quanto à relação linear, assumida nas analogias entre Fábrica e Escola. Mas sim, contribuir na discussão do problema, apontando alguns pontos para a reflexão.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise preliminar de alguns aspectos da organização do processo de trabalho, na Fábrica e na Escola, visando a contribuir, de forma sintética, na discussão quanto à relação linear assumida nas analogias entre Fábrica e Escola.

Nesta perspectiva, inicialmente, tentou-se si tuar a questão dentro do contexto da Economia da Educação. Em seguida foi feita uma análise da organização do processo de trabalho na Fábrica e na Escola, enfatizando-se os seguintes aspectos: localização na esfera econômica, produção, o traba lhador e o controle.

Concluindo, foram traçadas algumas considerações finais que não expressam um caráter conclusivo.

ABSTRACT

The aim of this paper is to make a preliminary analysis of some of the organizing process of work in the factory and in the school, trying to contribute in a synthetic way to the discussion concerned with the linear relation assumed in the analogies between factory and school.

On this perspective, it initially tried to locate the question in the context of the Economy of Education. Then it made an analysis of the organizing process of work in the factory and in the school, focusing on the following aspects: location in the economic area production, the worker and the control.

To finish, it traces some final considerations that don't mean to be conclusive.

1. SCHULTZ, Theodore W. O capital humano: investimento em educação e pesquisa, p. 79.
2. ROSSI, Wagner Gonçalves. Capitalismo e educação, p.37.
3. FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade, p.107.
4. SALM, Cláudio Leopoldo. Escola e Trabalho, p.29.
5. FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutiva: um re(exame) das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista, p.17-18-
6. Ibidem, p. 75.
7. VELLOSO, Jacques R. Socialização e trabalho: escola e produção capitalista, p.144.
8. MELLO, Guiomar Namó. Magistério do 1º grau: da competência técnica ao compromisso político, p.54.
9. TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches. Administração e trabalho na escola: a questão do controle.
10. RUBIN, Isaak Illich. Trabalho produtivo, p.277.
11. Ibidem, p.283.
12. Ibidem, p.288.
13. SANTOS, Odeir José dos. A questão da produção e da distribuição do conhecimento, p.6.

14. FLEURY, Afonso Carlos Corrêa et alli. Organização do trabalho.
15. TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches. Administração e trabalho na escola: a questão do controle.
16. FERREIRA, Cândido Guerra. Processo de trabalho, tecnologia e mão-de-obra.
17. RASIA, José Miguel. Pedagogia e educação ou de como falar sobre o óbvio, p.22.
18. NEVES, Magda C. de Almeida. Relações de trabalho e relações de poder: mudanças e permanências, p.84.
19. TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches. Administração e trabalho na escola: a questão do controle.

BIBLIOGRAFIA

- ANABUKI, Ari Yoshio. Considerações teóricas sobre processo de trabalho. Belo Horizonte, CEDEPLAR, s/d. (Mimeo).
- ARROYO, Miguel González. A organização do trabalho na escola primária e normal. Belo Horizonte, UFMG-FAE, S/d. (Mimeo).
- FERREIRA, Cândido Guerra. Processo de trabalho, Tecnologia e controle de mão-de-obra. Belo Horizonte, CEDEPLAR/UFMG, S/d.
- FLEURY, Afonso Carlos Corrêa. et alli. Organização do trabalho. São Paulo, Atlas, 1983.
- FRANCO, Luiz Antônio de Carvalho. A escola do trabalho e o trabalho da escola. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1987.

- FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade. 4.ed. São Paulo, Moraes, 1980.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da Escola improdutiva: um re(exame) das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. 2.ed. São Paulo, Cortez/ Autores Associados, 1986.
- KUENZER, Acácia Zeneida. Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador. 2.ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1986.
- LETTIERI, Antônio. A fábrica e a escola. In: Crítica da divisão do trabalho. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- MELLO, Guiomar Namó de. Magistério do 1º grau: da competência técnica ao compromisso político. 3.ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1983.
- NEVES, Magda Coelho de Almeida. Relações de trabalho e relações de poder: mudanças e permanências. Fortaleza, UFCe Mestrado em sociologia, 1986.
- RASIA, José Miguel. Pedagogia e educação ou de como falar sobre o óbvio. In: Caderno do CEDES, 1 (2):09-27, 1981.
- ROSSI, Wagner Gonçalves. Capitalismo e educação. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978.
- RUBIN, Isaak Illich. Trabalho produtivo. In: A teoria marxista do valor. São Paulo, Polis, 1987.
- SALM, Cláudio Leopoldo. Escola e trabalho. São Paulo, Brasiliense, 1980.

SANTOS, Oder José dos. A questão da produção e distribuição do conhecimento. In: Educação em Revista. Belo Horizonte, 1 (2):4-7, dez, 1985.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches. Administração e trabalho na escola: a questão do controle. In: INEP-Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, (154):set-dez, 1985.

VELLOSO, Jacques R. Socialização e trabalho: escola e produção capitalista. In: Educação e Sociedade. São Paulo, 2 (7):141-157, set, 1980.